Programa Identidade: A Valorização dos Povos da Floresta na Tela da TV[1]

Francisco de Moura PINHEIRO[2]

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

O objetivo deste artigo é tecer considerações sobre o *Programa Identidade - O Acre tem muito mais*, veiculado nos anos de 2002 e 2003, pela TV Aldeia, emissora sediada em Rio Branco (AC). Produzido com a intenção de sedimentar os conceitos de um movimento ideológico denominado florestania, neologismo que junta numa mesma palavra os vocábulos "floresta" e "cidadania", o programa entrevistou vinte e dois personagens, todos ligados, conhecedores e/ou defensores das especificidades regionais, tais como as lutas pelo direito de ser brasileiros, pela autonomia administrativa territorial e pela posse da terra. Como suporte teórico são usados, entre outros, postulados de Laclau & Mouffe (1985, 1987), Charaudeau (2006) e Castells (1999).

PALAVRAS-CHAVE: Acre; discurso; florestania; identidade; televisão.

1. Florestania: rupturas e sustentabilidades

Um novo discurso hegemônico invadiu tanto os lares quanto os espaços públicos acreanos, no limiar do século XXI, a partir da ascensão ao poder regional de políticos abrigados por siglas formadoras de uma grande coalizão de partidos de esquerda denominada Frente Popular. Liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a citada coalizão derrotou, nas eleições de 1998, os antigos partidos que se revezavam como hóspedes do Palácio Rio Branco desde os tempos do Território Federal do Acre, a maioria pertencente às forças de direita, visceralmente ligados ao governo federal, uns ungidos ao poder pelo voto direto, outros nomeados pela ditadura militar. Contrapondo-se às antigas práticas supostamente desenvolvimentistas dos antigos partidos, o novo discurso propunha

[1] Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com.

rupturas profundas, a partir de um olhar diametralmente oposto.

No cerne do novo discurso, o PT evidenciava como de fundamental importância a questão do respeito à natureza, a partir dos pressupostos norteadores de ações voltadas para a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. O antropocentrismo, um dos vértices dos conceitos relativos à ideia de progresso contida na ideologia motriz da modernidade, era coisa do passado para os dirigentes do PT acreano. Era preciso estabelecer um novo contrato natural, a partir do ponto de vista de que o homem está na natureza como parte e não como dono dela, conforme entrevista de Antônio Alves Leitão Neto, um dos pensadores da nova ideologia, concedida a Santa'Ana Júnior (2004).

Os elementos do projeto petista, em consonância com o movimento planetário de preservação da natureza, que começou a ser divulgado na Europa a partir dos anos de 1960, mas ainda pouco posto em prática, regionalmente falando, realçavam três pontos básicos, ainda de acordo com a entrevista de Antônio Alves a Sant"Ana Júnior (2004). Primeiro, o que Alves chama de "ponto zero": o de que os direitos do homem são iguais aos de todos os demais elementos da natureza. Segundo, o que Alves chama de "ponto um": o reconhecimento da primazia do povo indígena, primeiro habitante da região, inclusive, ou principalmente no que diz respeito à sua ciência. E o terceiro, o que Alves chama de "ponto dois": o reconhecimento das demais populações que vieram depois dos indígenas, no caso os seringueiros, os ribeirinhos e os extrativistas, de uma maneira em geral.

A partir desse direcionamento ideológico, o PT sentiu que precisava criar algo que pudesse ser passado para a população acreana como uma síntese da sua proposta maior. E foi assim que surgiu o neologismo "florestania", junção dos vocábulos "floresta" e "cidadania", com um significado que transcende a primeira sugestão de que nada mais seria do que uma espécie de "cidadania da floresta". Seria muito mais do que isso, como explica Alves (2010), o sentimento de que "a floresta não nos pertence, nós é que pertencemos a ela". Um sentimento "orientador das nossas escolhas econômicas, políticas e sociais – e por isso inclui a cidadania –, mas orienta também as nossas escolhas ambientais e culturais –, e por isso a transcende" (ALVES, 2010).

Permeando a ideia central, e talvez se antecipando às críticas sobre as reais possibilidades do desenvolvimento sustentável como ferramenta única capaz de proporcionar boas condições de vida para os chamados povos da floresta, os ideólogos

petistas trataram de estabelecer que a florestania se apoiava em várias sustentabilidades. Na explicação de Alves, o projeto pretendia dar igual atenção à sustentabilidade econômica, "para que gente possa viver" (SANT'ANA JÚNIOR, 2004, p. 289); à sustentabilidade social, para que as pessoas não precisassem ser expulsas do seu habitat; à sustentabilidade política, com a participação coletiva e não apenas na forma de um projeto estabelecido por um governo, de cima para baixo; e à sustentabilidade cultural, no sentido de que pudesse ser estabelecida uma identidade, "produto de uma longa caminhada da humanidade" (SANT'ANA JÚNIOR, 2004, p. 289). A sustentabilidade cultural seria, ainda no dizer de Alves, "o chão de toda a sustentabilidade" (SANT'ANA JÚNIOR, 2004, p. 290).

2. Os meios de comunicação como garantia da disseminação da ideologia

A florestania, entretanto, não passaria, provavelmente, de um mero projeto hegemônico e certamente não atingiria os seus propósitos, se não pudesse contar com uma divulgação eficaz, bem em consonância com o que dizem Laclau e Mouffe, no sentido de que um dos fatores essenciais para a formação hegemônica nos tempos pós-modernos é justamente a expansão da comunicação de massa (BARRETT, 2007). Atento a esse fator, o governo petista tratou de investir nos meios de comunicação de massa sediados no Estado, distribuindo verbas publicitárias para jornais, rádios e televisões, estabelecendo um contrato garantidor da disseminação do novo ideário.

As ações nesse sentido, porém, não ficaram apenas no campo da distribuição das verbas públicas. Conscientes de que isso ainda não garantia a meta de atingir todos os habitantes do território acreano com a sua mensagem, o passo seguinte foi o de multiplicar a potência da Rádio Difusora Acreana, AM, a mais antiga do Estado, criada na década de 1940, e gerenciada desde então pelos ocupantes do Palácio Rio Branco. "A nossa preocupação se fez logo de cara quando a gente percebeu que a Rádio Difusora Acreana era o nosso principal veículo de comunicação, mas era um instrumento pouco potencializado" (PINHEIRO, 2005), explicou o jornalista Aníbal Diniz, assessor de comunicação do Acre nos dois primeiros e em parte do terceiro mandatos do PT.

Aumentar a potência da emissora oficial, entretanto, ainda não era suficiente. O governo petista percebeu que a penetração da Rádio Difusora Acreana era muito forte no

interior do estado, mas quase nenhuma em relação ao público da zona urbana, mais ligado às emissoras que operavam em Frequência Modulada (FM). A solução, no dizer do assessor Aníbal Diniz (PINHEIRO, 2005), foi enviar um projeto para o Ministério das Comunicações, solicitando autorização para a implantação de uma rádio de caráter educativo em Rio Branco, iniciativa essa que foi, posteriormente, ampliada para seis outras cidades do interior.

Após a criação da cadeia educativa de rádio, cuja emissora principal, sediada em Rio Branco, não por acaso batizada como "Aldeia" FM, é que ficou encarregada de gerar o conteúdo para transmissão unificada, a preocupação dos mentores da comunicação governamental passou a ser a elaboração de uma programação compatível tanto com os preceitos de emissoras educativas quanto com o principal elemento motivador de toda ação, que era a divulgação do ideário da florestania. Nesse sentido, segundo Diniz (PINHEIRO, 2005), o que se estabeleceu, nos anos seguintes, foi uma programação voltada para a "qualidade, com preocupação cidadã, com a linguagem, com o conteúdo" e deixando de lado o sensacionalismo das rádios comerciais.

Faltava, porém, um último e decisivo passo para garantir a eficácia da mensagem oficial na divulgação da florestania. Faltava um canal de televisão. Percebendo essa lacuna, o governo petista tratou de saná-la, reativando a TV Aldeia, em 2002, também de caráter educativo, que havia sido criada em 1985, mas que se encontrava fora do ar desde 1990, por descaso das autoridades de então, de acordo com matéria publicada no jornal *Página 20*, em janeiro de 2005, de autoria do jornalista Juraci Xangai. E da mesma forma que foi feito com o rádio, a TV Aldeia ganhou emissoras nas principais cidades acreanas, levando a programação gerada na capital, simultaneamente, para todos os quadrantes do Estado.

Quanto à programação da cadeia televisiva, além da mesma preocupação externada no tocante ao veículo rádio, Aníbal Diniz explicou que a orientação dada aos editores foi a de fazer prevalecer o jornalismo, mas sempre voltado para "notícias positivas", capazes de contribuir para aumentar a autoestima do cidadão da floresta. Em outras palavras, a julgar pela expressão "notícias positivas", o assessor parece sugerir uma espécie de valorização dos atos e fatos considerados bons e um apagamento daqueles considerados ruins. De acordo com Diniz, mesmo na eventualidade de uma tragédia, a forma de passá-la para o

público deveria ser trabalhada, "para que não seja passada uma visão catastrófica das coisas" (PINHEIRO, 2005).

Por último, à guisa de fechamento deste tópico, vale a pena conhecer o pensamento do assessor Aníbal Diniz, no que diz respeito às intenções do governo do PT ao construir essa cadeia de rádio e televisão tão abrangente. De acordo com o assessor, a rede foi, de fato, criada a serviço da ideia da florestania. "A gente construiu essa rede com esse foco. Era preciso fazer isso. Inclusive porque havia uma cultura muito arraigada de que a cultura da floresta não era cultura" (PINHEIRO, 2005).

3. A identidade como marca essencial do discurso da florestania

Um dos artifícios usados para a formatação do discurso da florestania que seria exaustivamente veiculado pela mídia acreana nos oito primeiros anos do governo do PT, foi o do fortalecimento da identidade local. Exatamente como havia realçado Antônio Alves na entrevista a Sant'Ana Júnior (2004), quando da sua defesa da necessidade de uma "sustentabilidade cultural", conforme ressaltado no primeiro tópico deste artigo.

O que a florestania pretendia, na sua essência, era sugerir uma nova identidade para o povo acreano, a partir da elaboração de um discurso ideológico cuja intenção primordial era estabelecer pontos comuns, aspectos de interesse geral, capazes de unir os anseios dos cidadãos, principalmente dos menos favorecidos, em nome de um bem-estar crescente, a partir do momento em que todos a assimilassem para suas vidas. Como mentor desse bem-estar coletivo, de acordo com os ditames da nova ideologia, os seus criadores propunham a figura do gestor público, sob a proteção do Estado.

A sociedade civil, desde sempre dividida em classes, carece, via de regra, de um elemento unificador. O Estado, reorganizado a partir de novos parâmetros de pensamento e ação, surge como o articulador de um discurso capaz de levar a efeito essa unificação. É claro que nem todas as contradições poderão ser superadas, sendo verdadeiro o fato de que qualquer processo ideológico/hegemônico instaura novas estratificações sociais. Mas, se a nova ideologia estabelecer (ou prometer) alguma horizontalidade social, em relação ao modelo que pretende substituir, isso poderá significar que durante algum tempo, apesar da

impossibilidade de totalização do discurso, haverá uma boa taxa de aceitabilidade das práticas propostas.

O discurso da florestania, tendo a preservação ambiental como principal vértice argumentativo, construído e disseminado em um Estado com uma história repleta de conflitos sangrentos no campo, entre antigos ocupantes da terra e novos proprietários, bem como cenas explícitas de desrespeito pelos recursos naturais, não poderia deixar de exercer uma grande empatia entre os habitantes do Acre. A florestania surge como uma palavra de ordem. O carro-chefe de um amplo discurso, ao redor da qual se totalizaram articulações discursivas transitórias, porém formuladas como se de forma definitiva sobre o desenvolvimento sustentável, apontando para posições de um sujeito (o Estado), na busca de uma homogeneização dos variados segmentos da população num ponto supostamente mais alto da pirâmide social.

No que se refere à sua racionalidade prática, o discurso da florestania lançou mão de duas estratégias. Uma: a garantia de que um presente melhor e um futuro promissor só seriam possíveis para os acreanos se o conjunto da sociedade pudesse se empenhar em ações favoráveis ao meio ambiente. Outra: a da negação reiterada das práticas desenvolvidas pelo Estado de outrora, para o qual, explicava o discurso, a tônica era o progresso a qualquer custo e o lucro imediato, sem preocupação alguma com o que viria a seguir, muito menos com algum respeito pelos saberes tradicionais.

Dito isso, é preciso voltar ao ponto crucial deste item, que é a formação de uma nova identidade a partir do discurso. Para que se possa compreender melhor o processo, convém lançar mão dos postulados de Laclau e Mouffe, para quem o discurso se configura em um conjunto de sequências diferenciais de ordem política, dado que envolve a "construção de antagonismos e o exercício do poder" (LACLAU E MOUFFE, 1985; HOWARTH, NORVAL E STAVRAKAKIS, 2000). Os antagonismos sociais, bem como o modo pelo qual os discursos precisam lidar com tais antagonismos configuram-se como o cerne da questão. "As sequências são diferenciais porque um termo só vale a partir de sua diferença em relação a outros" (PRADO E BUENO, 2012). Um termo só adquire sentido por conta de outros termos que se diferenciam daquele.

A florestania estabeleceu, enquanto exercício discursivo, um caminho de oposição ao discurso anteriormente hegemônico do saber puramente científico, gerado em

laboratórios acadêmicos. Da mesma forma, também apontou um rumo diferente para o discurso do progresso pela via da exploração irresponsável dos recursos naturais. Com isso, colocou em campos distintos e opostos as autoridades públicas que defendiam o modelo de desenvolvimento centrado no homem, em detrimento da natureza, e as autoridades que pregavam um modelo focado na sustentabilidade ambiental. Ao mesmo tempo, os criadores da nova ideologia trataram de agregar ações valorativas do seu discurso, na medida em que passaram a demonstrar como a vida proposta passou a ser melhor a partir de então, principalmente para as camadas populares antes pouco atendidas pelas políticas públicas.

Feitas essas considerações, não parece despropositado afirmar que a florestania, enquanto palavra de ordem, entre outras perspectivas e direcionamentos, teve o poder de proceder a uma espécie de "sutura social", metáfora utilizada por Laclau e Mouffe (1985) para falar de totalizações discursivas, apagando uma antiga identidade (a forjada pelo descaso com o povo e com as causas da floresta), e criando uma identidade nova (sedimentada no respeito ao meio ambiente, bem como nos saberes e tradições do denominado povo da floresta), estendida à maioria dos acreanos.

4. A identidade da Aldeia nas entrevistas da TV

Produzido em Rio Branco e veiculado em rede para todo o território acreano, um programa de TV, levado ao ar pela emissora Aldeia, foi crucial no sentido de sedimentar a florestania a partir da nova identidade proposta pelo governo do PT. Chamava-se, bem a propósito, *Programa Identidade – O Acre tem muito mais*, e era apresentado pela cientista social Elizângela Pontes.

No formato de um *talk show*, o programa foi ao ar nos anos de 2002 e 2003, o último do primeiro mandato e o primeiro do segundo mandato do governador Jorge Viana. Durava uma hora, dividido em três blocos de, aproximadamente, 15 minutos, com intervalos publicitários (propaganda política do governo) onde se exibia uma peça voltada para a questão da valorização dos povos da floresta, sempre com base na ideia de que o Acre seria o melhor lugar do mundo para se viver e que aquele era um novo tempo para as pessoas do lugar, graças ao advento da florestania.

A peça de propaganda levada ao ar nos intervalos entre os blocos mostrava imagens de floresta, cidades do interior do Acre, sítios históricos, ações de desenvolvimento sustentável empreendidas pelo Governo do PT, ações diretamente ligadas à florestania; imagens do líder seringueiro Chico Mendes caminhando na floresta; fotografias do comandante da Revolução Acreana, Plácido de Castro; e imagens de coisas boas do Acre da primeira metade do século XX. Conduzindo as cenas, um locutor de voz grave dizia o texto que segue transcrito abaixo.

> Florestania é o que o mundo inteiro precisa. É cultivar a terra e viver em harmonia com o meio ambiente. O Governo da Floresta busca isso. Devolver a floresta ao homem, com o nosso povo desfrutando da melhor qualidade de vida do novo milênio. O desafio é mostrar ao Brasil e ao mundo que toda essa riqueza pode ser compartilhada, desde que o façamos com sabedoria e criatividade. Acre: Governo da Floresta! (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

Tratava-se de uma peça imagético/musical intermediária, que servia de reforço à fala dos entrevistados, estabelecendo uma "estrutura de mediação" de onde emergia o discurso do Governo, via oralidade e imagens, sobre o modelo vencedor que, ao mesmo tempo em que segue os preceitos da ideologia verde, serve também de exemplo de como se pode sair do mero discurso para a prática. Implícita na peça ficava a mensagem de que apesar de a ideologia verde não ter sido criada no Acre, os acreanos inventaram a florestania, que segue os preceitos daquela e que poderia servir de modelo para evitar a destruição do planeta. Implícito ficava também o fato de que tudo isso ocorreu graças ao Estado instalado como elemento central de unificação das classes sociais, no que diz respeito à criação de uma nova ideologia.

No tocante ao binômio identidade/florestania, o discurso da apresentadora no programa de estreia é sintomático dos objetivos a serem alcançados, conforme no trecho reproduzido a seguir.

> Olá, sou Elizângela Pontes e a partir de hoje nós vamos estar juntos no Programa Identidade. Este programa nasceu para debater temas que não encontram espaço na televisão comercial. Temas como cultura, biodiversidade, desenvolvimento sustentável, o nosso jeito acreano de ser e o nosso ritmo de levar a vida. Identidade, isso o povo acreano tem de sobra. E, apesar das

> pressões sofridas nas duas últimas décadas para renunciá-la, o povo permanece firme na defesa da sua cultura. Identidade começa debatendo um tema novo, que veio para fortalecer ainda mais os nossos traços culturais. Nessa série de entrevistas nós vamos conversar sobre florestania (...). (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

Para música de abertura do programa foi escolhida a canção "Acre, rio estranho", dos compositores Pia Villa, Felipe Jardim e Romerito Aquino, falando das curvas do rio de águas barrentas que corta a capital dos acreanos, Rio Branco, em duas metades (1º e 2º distritos), palco de batalhas históricas contra os bolivianos pela posse da terra das seringueiras.

Quanto à figura dos entrevistados, tratava-se de pessoas profundamente identificadas com o Acre e que, de alguma maneira, apoiavam as ações e a ideologia do novo Governo. Para cada entrevistado o programa produziu um cenário adequado (apenas uma entrevista, a do Frei Leonardo Boff, foi realizada em estúdio), de acordo com o tema específico da conversa, as características da sua personalidade, a área de interesse e/ou a origem de cada um deles. Vinte e dois nomes foram convidados para darem seus depoimentos no *Programa Identidade – O Acre tem muito mais*, sendo divididos em duas séries de onze. Uma das séries para falar sobre a Revolução Acreana (conflito bélico entre brasileiros e bolivianos, no início do século XX, pela posse do território) e a outra para falar sobre a florestania.

Para efeito deste artigo, optou-se por trazer à baila fragmentos relativos ao depoimento de dois dos entrevistados da série florestania: Leonardo Boff e Marina Silva. Uma opção por conta de sua representatividade política e social. O primeiro, homem profundamente identificado com a causa da ecologia planetária, com inúmeros artigos e livros escritos sobre o assunto, e entusiasta confesso da ideia da florestania (ele diz isso explicitamente em um artigo publicado no site www.adital.org.br, em setembro de 2010); e a senadora (a época da entrevista) Marina Silva, uma acreana de aparência frágil que nasceu no meio da floresta, que só se alfabetizou depois de adulta, mas que chegou a ser Ministra de Estado do Meio Ambiente (no primeiro e em parte do segundo mandatos do presidente Luís Inácio Lula da Silva, 2003-2010), igualmente entusiasta da ideia da florestania.

A entrevista do frei Leonardo Boff foi realizada em um cenário simples, de fundo totalmente azul, com a apresentadora e o entrevistado sentados em cadeiras feitas de cipó,

com assentos e encostos vermelhos. Logo após a apresentação do entrevistado, ao responder às boas vindas da apresentadora, Leonardo Boff estabelece o seu "conhecimento de causa", ao afirmar seu prazer por estar no Acre, após muito tempo de ausência. "Tô feliz de estar aqui depois de muitos anos, já que nos anos de 1970 e 1980 eu vinha com frequência ao Acre", disse Boff (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003). O entrevistado garante ter vivido o Acre de dois tempos distintos: o Acre da "pata do boi", da devastação indiscriminada da natureza, da expulsão dos povos da floresta e dos assassinatos no campo, e agora vive o Acre da sustentabilidade e do respeito pelos direitos humanos.

Já na primeira pergunta, a entrevistadora vai direto ao assunto que interessa, querendo saber o que significa o conceito de florestania para Leonardo Boff. A resposta de Boff é a de alguém fascinado pelo conceito, como se pode vê no trecho a seguir.

> Em primeiro lugar, eu acho que é um conceito altamente interessante para um governo. Porque a aceitabilidade de um governo depende muito da metáfora que ele usa, metáfora que mobiliza as populações. (...) Eu considero o conceito altamente rico, pra entender dimensões novas da realidade. (...) A floresta na Amazônia, no Acre, é um grande ator, um grande ator social, está presente aí, junto com os povos da floresta, os ribeirinhos, os indígenas, os seringueiros. Então, um governo que capta essa singularidade, que monta uma política que atenda a isso, enraíza aqui e ganha um perfil que se mostra pra fora. (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

O discurso de Boff, no que diz respeito às ações do Governo do PT, é de total aprovação. Um posicionamento que se deve considerar como de suma importância, por conta da autoridade do entrevistado enquanto defensor planetário da causa da preservação. A resposta de Boff está toda direcionada neste sentido de aprovação e apoio: "(...) conceito altamente interessante para um Governo (...)", "(...) conceito altamente rico, pra entender dimensões novas da realidade (...)" etc.

No tocante à construção de uma nova identidade local a partir desse discurso, Boff sinaliza para esse fato ao falar da floresta amazônica, de modo geral, e da floresta acreana, de maneira peculiar, como "um grande ator social", junto com "os povos da floresta, os ribeirinhos, os indígenas, os seringueiros (...)" e ao afirmar que o governo do Acre captou essa singularidade, montando uma política que "(...) enraíza aqui e ganha um perfil que se

mostra para fora (...)". A nova identidade do Acre, em síntese, segundo Boff, não existe em outro local do mundo, porque nasceu e ganhou força a partir da convicção de políticos que resolveram contrariar o discurso hegemônico de então e conseguiram convencer a população de que este é o melhor caminho.

Essa questão da identidade local vai aparecer ainda em outros momentos da entrevista, como no instante em que a apresentadora fala da tendência de uma globalização econômica, perguntando a Boff como preservar essa identidade, dado que esse é um dos traços da florestania. Boff responde que o jeito de preservar a identidade acreana é enriquecê-la, "primeiro guardar as raízes, a memória de quem morou aqui, os documentos, ir continuamente à opinião pública lembrar isso, recriando (...) o orgulho de ser acreano, porque temos (...) uma história que muitos estados não têm (...)". A resposta de Boff evidencia com exatidão o que acontece na prática da florestania, no que diz respeito à construção de uma nova identidade para os acreanos, via discurso.

Por sua vez, a então senadora Marina Silva foi entrevistada ao ar livre, num cenário rodeado de árvores. Já na apresentação da entrevistada, Elizângela Pontes diz que Marina é uma das pessoas mais respeitadas do país e de que o simples pronunciar do nome dela remete à ética e à solidariedade. A florestania, enquanto palavra de ordem, somente vai aparecer mais para o final da entrevista, mas em praticamente todas as respostas aparecem os pressupostos formadores da nova ideologia, entre os quais o da criação de uma nova identidade acreana.

Em uma das suas respostas, Marina Silva explica que a florestania não surgiu como conceito impositivo, mas, ao contrário disso, apresentando alternativas, da forma "mais democrática possível. Porque é assim que você gera consciência, é assim que você gera compromisso... A lei, ela tem um caráter impositivo, mas eu acredito muito mais nos processos que são pactados" (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003).

Marina Silva, ao citar o processo "democrático" para apresentar as alternativas às práticas antigas, sinaliza para um dos elementos formadores dessa nova identidade acreana. Não existe alguém que determine o que haverá de ser. Da decisão coletiva é que serão tomadas as iniciativas. A decisão será fruto do convencimento ou, no mínimo, da vontade da maioria. Porque é assim, diz Marina, "(...) que você gera consciência. Que você gera

compromisso (...)". Ao gerar consciência nos indivíduos, mediante uma prática articulatória, sinalizam Laclau e Mouffe (1987), modificam-se as suas identidades e estabelece-se um processo hegemônico. A decisão coletiva, conduzida pelo discurso, cria um elo entre os envolvidos, que passam a se sentir corresponsáveis pelo que vier a acontecer. A decisão não é mais uma imposição do poder.

Em outro ponto da entrevista, Marina fala com a perspectiva do outro que ela foi um dia (habitante da floresta) para, dessa forma, estabelecer um raciocínio sobre a construção da nova identidade acreana. A entrevistadora pede uma análise de como os povos da floresta percebem as mudanças depois de tantos anos de luta; qual é o comportamento deles a partir das ações empreendidas pelo Governo?

Marina responde:

> Durante muito tempo, os índios, os seringueiros, os nossos caboclos, como a gente chama, né, foram muito marginalizados, a ponto até de negar a sua identidade, porque senão seriam, digamos assim, tratados com preconceito. (...) Essas pessoas hoje adquiriram uma visibilidade adquiriram respeito (...). O que os seringueiros, o que os índios estão contribuindo para que seja o nosso novo desenvolvimento, não tem nada a ver com o que foi feito há trinta, quarenta, cinquenta anos atrás pelo modelo da antiga empresa extrativista. (...) Mas hoje o que nós defendemos é uma economia diversificada, que nós possamos estar usando aquilo que de mais moderno existe em termos de tecnologia, aproveitando da forma mais correta possível os nossos recursos naturais (...). (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

Mais uma vez na resposta de Marina Silva, nascida o meio da floresta (primeira grande garantia de autoridade para alguém discorrer sobre a florestania), emerge com força a questão da identidade acreana resgatada (ou reinventada) pela florestania. Houve uma injustiça histórica com os povos da floresta, sacrificados pela ganância do capital internacional desde os primórdios da ocupação do espaço territorial acreano, evidencia Marina ao falar da identidade apagada dos povos da floresta pelas regras desenvolvimentistas vigentes. A posição ocupada no cenário político brasileiro (senadora ligadas às causas ambientais e ministra do Meio Ambiente), bem como a condição de ter sido uma integrante dos povos da floresta (ela faz questão de dizer que continua no mesmo lugar de origem) dá à entrevistada a autoridade suficiente para afirmar que a florestania

trata de reparar as distorções, valorizando as práticas e os saberes das comunidades nativas. "(...) Essas pessoas hoje adquiriram uma visibilidade adquiriram respeito (...)", reconhece Marina, deixando subtendido que foi a nova orientação política acreana que proporcionou isso. Configura-se na fala de Marina Silva o fato de que identidade dos povos da floresta acreana não é mais aquela do passado. De acordo com ela, os povos da floresta, valorizados a partir da florestania, continuam e pertencem ao mesmo lugar, mas não são os mesmos.

5. Considerações finais

As bases da formação política e social do Acre, de acordo com Morais (2008), foram gestadas nas áreas de cultivo da seringueira, num espaço geográfico originalmente pertencente à Bolívia, mas ocupado por brasileiros desde o final do século XIX. Com a desativação dessas áreas, denominadas seringais, a partir da definitiva queda do preço da borracha no mercado internacional, depois da II Guerra Mundial, e com a chegada de novos donos das terras, duas questões tornaram-se centrais para os seus antigos habitantes: a sua defesa e a sua posse. Questões essas que se configuraram primordiais no fornecimento da matéria prima para a formação da nova identidade dos acreanos, a partir do discurso oficial.

No que diz respeito à importância do *Programa Identidade – O Acre tem muito mais* para a disseminação do ideário da florestania, bem como para a sedimentação da nova identidade proposta para os acreanos, vale a pena ressaltar pelo menos três aspectos fundamentais: o caráter "segmentado" da audiência da TV Aldeia, emissora onde o programa foi ao ar; as características relativas à chamada "entrevista política"; e as características relativas ao que se configura como "entrevista de especialista".

No que se refere ao caráter da segmentação da audiência, os criadores dos conceitos da florestania tinham consciência de que o público interessado no *Programa Identidade – O Acre tem muito mais*, dado o caráter educativo da TV Aldeia, era, na sua maioria, constituído por técnicos especializados, formadores de opinião, estudantes e professores universitários, intelectuais, militantes do PT e, naturalmente, simpatizantes da causa petista. Uma afirmação da apresentadora do programa, no dia em que este foi ao ar pela primeira vez, garante essa consciência do público a ser atingido. De acordo com a apresentadora, o programa seria um local "(...) para debater temas que não encontram espaço na televisão

comercial (...)" (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003).

Quanto à "entrevista política", que se configura, entre outras coisas, de acordo com Charaudeau (2006, p.215), pela identidade do entrevistado, no sentido de que este "é um ator representante de si mesmo ou de um grupo que participa da vida política ou cidadã, e que tem um poder de decisão ou de pressão", a senadora Marina Silva se enquadraria à perfeição no conceito, uma vez que à época da entrevista, por toda a sua história de vida, bem como pelos seus atos públicos, detinha um status de credibilidade praticamente impecável entre os acreanos.

Já no que concerne à "entrevista de especialista", cujo convidado deve ser alguém que conhece profundamente o assunto a ser tratado, o objetivo primordial, segundo Charaudeau (2006, p. 215), é resumir e fornecer ao público "um conjunto de análises objetivas, trazendo a prova de sua legitimidade pelo saber e pelo saber dizer". Ninguém melhor do que Leonardo Boff, nesse sentido de fortalecer o discurso engendrado pelo PT, a partir de um "especialista" na defesa do meio ambiente, para dar as suas impressões sobre a florestania e, assim, ajudar a esculpir a nova identidade acreana.

Tanto as palavras de Marina Silva, a figura política, quanto as de Leonardo Boff, o especialista, veiculadas pela TV Aldeia, no *Programa Identidade – O Acre tem muito mais*, em defesa do novo modelo de desenvolvimento regional proposto pelo PT, a partir, entre outros fatores, de uma identidade acreana igualmente nova, certamente ajudaram sobremaneira a mudar a compreensão dos habitantes do Acre no que diz respeito às possibilidades futuras (e presentes) de progresso local.

Por fim, convém ressaltar que, conforme foi dito no tópico dois deste artigo, não existiria florestania, ou uma nova identidade acreana, sem a participação da comunicação de massa, principalmente a de suporte eletrônico, uma vez que o debate político e as estratégias de busca de poder não podem prescindir das novas tecnologias de informação, conforme ensina Castells (1999). Não se adequando a essa configuração, estratégia e debate ficam circunscritos apenas a um pequeno grupo de adeptos. Em outras palavras, ainda seguindo Castells (1999, p. 366), nos dias de hoje, "sem a mídia não há meios de adquirir ou exercer o poder". O discurso da florestania, disseminado pelos meios de comunicação de massa do Acre, nos primeiros anos do século XXI, é uma boa prova disso.

6. Referências bibliográficas

ALVES, Antônio. *Florestania*. Artigo. Disponível em: www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/colaboradores> 2 de novembro de 2010.

BARRET, Michelle. *Ideologia, Política e Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe*, in Um mapa da ideologia (Org. Slavoj Zizek). Rio de Janeiro : Contraponto, 2007.

BOFF, Leonardo. A Pobreza da Democracia Brasileira. Artigo. www.adital.org.br. 7 de setembro de 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo : Contexto, 2006.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Vol. II. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

HOWARTH, David, NORVAL, Aletta J. e STAVRAKAKIS, Yannis. Identities, Hegemonies and Social Changes. Manchester and New York : Manchester University Press, 2000.

LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy – Toward a radical democratic politics*. London : Verso (New Left), 1985.

_____ *Hegemonia y Estrategia Socialista – Hacía una radicalizacion de la democracia*. Madrid : Siglo XXI, 1987.

MORAIS, Maria de Jesus. *Acreanidade: invenção e reinvenção da identidade acreana*. Tese de doutorado. Niterói : UFF, 2008.

PINHEIRO, Francisco de Moura. Entrevista gravada com Aníbal Diniz, Secretário de Comunicação do Acre nos dois mandados do governador Jorge Viana (1999/2002 – 2003/2006). Rio Branco : 2005.

_____ *A Invenção da Florestania: a participação da mídia acreana na construção de um novo discurso ideológico*. Tese de doutorado. São Paulo : PUC, 2013.

PRADO, José Luiz Aidar e BUENO, Vinícius Prates da Fonseca. *Regimes de Convocação da Biopolítica do Desempenho nas Revistas Brasileiras de Negócios*. Artigo. XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Montevidéu : Anais, 2012.

Programa *Identidade – O Acre tem muito mais*. Arquivo audiovisual. TV Aldeia. Rio Branco : 2002/2003.

SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes. *Florestania: a saga acreana e os povos da floresta*. Rio Branco : Edufac, 2004.

XANGAI, Juracy. *Rádio e tevê que levam o Acre até você*, in *Página 20*, Rio Branco : 11 de janeiro de 2005.